

## HISTÓRIA DIGITAL: ELEMENTOS PARA UM DEBATE

## DIGITAL HISTORY: ELEMENTS FOR DEBATE

Mariana Thompson Flores<sup>1</sup>, Leonardo Barleta<sup>2</sup> e Tiago Luís Gil<sup>3</sup>

Lentamente os recursos da informática começam a ser utilizados pelos historiadores. É verdade que quase todo mundo é “digital” pois usa um software para escrever os artigos e tem um email para se comunicar com as pessoas. Contudo, logo no início - e ainda hoje em alguma medida - a forma como muitos colegas usavam (e ainda usam) o processador de texto imitava a máquina de escrever e o email era exatamente uma carta eletrônica. Isso vai mudando e, paulatinamente, outras ferramentas digitais vão entrando na pauta do dia, desde os já bastante difundidos programas de gestão de bibliografia, como o Zotero, até usos mais sofisticados, como a programação, já hoje em dia realizada diretamente por historiadores. Estes já não temem a tecnologia, o que está longe de significar a falta de crítica, pelo contrário. O domínio da técnica tem se tornado, cada vez mais, um elemento fundamental para o incremento da crítica.

O volume que o leitor tem diante de si, é uma prova deste amadurecimento. Um panorama variado de iniciativas e análises, falando sobre projetos que vão da literatura ao patrimônio, do debate sobre a construção de bancos de dados aos estudos

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), doutora em História no Programa de Pós Graduação da PUCRS. E-mail: mariana.thompson@ufsm.br- Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1520-3113>

<sup>2</sup> Doutorando do Departamento de História da Stanford University na área de América Latina. Bacharel e Licenciado em História (2009) e Mestre em História (2013) pela Universidade Federal do Paraná. Integrante da equipe do Atlas Digital da América Lusa, da Universidade de Brasília. E-mail: lbarleta@stanford.edu - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7976-1053>

<sup>3</sup> Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), graduação em Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009). Atualmente é professor Associado da Universidade de Brasília. Coordenador da equipe do Atlas Digital da América Lusa, da Universidade de Brasília. E-mail: tiagoluisgil@gmail.com - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6891-9318>

“netnográficos”, passando pela cartografia digital e pela análise crítica das ferramentas digitais oferecidas pelos centros de custódia. Cada vez mais os historiadores estão em busca de saber como se fazem as salsichas quando o assunto é tecnologia. É claro que as contribuições apresentadas aqui estão longe de esgotar as possibilidades de interação entre história e informática, mas são certamente uma forte demonstração da diversidade de abordagens presentes hoje na nossa disciplina.

O dossiê começa com uma apresentação do projeto “Funes”, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul por Silveira, Zalla e Ramos, numa clara referência a Borges, em particular, a dois contos (e duas metáforas, consequentemente), de *Ficciones*. Aliás, Borges é geralmente invocado em reflexões sobre o uso de recursos computacionais em história, vide o artigo de Lepetit sobre quantificação e as análises de Gribaudo sobre análises de redes sociais, ambos explorando outra metáfora, a do mapa em escala 1:1, publicado na *História Universal da Infâmia*.<sup>4</sup> Não me estendo por outro motivo que não o de destacar algo que os próprios autores salientam: o fato de a obra de Borges, em certo sentido, representar “uma prévia da era digital”. *Pierre Menard, autor do Quixote* também seria um perfeito exemplo disso, já que muitos projetos digitais pretendem “reconstituir” perfeitamente os contextos de certas obras.

O artigo começa com um excelente panorama do debate atual sobre a formalização computacional de produtos literários, seja na forma de bancos de dados, mapas, gráficos de redes ou outros recursos. Há de se chamar a atenção para o fato do artigo dar destaque para iniciativas latino-americanas nesse quesito, sem ignorar diversas experiências realizadas nos Estados Unidos e Europa. Além disso, há uma discussão que problematiza a tarefa e demonstra o conjunto de escolhas que estão por trás de decisões aparentemente técnicas.

---

<sup>4</sup> LEPETIT, Bernard, L'histoire quantitative : deux ou trois choses que je sais d'elle, *Histoire & Mesure*, v. 4, n. 3, p. 191-199, 1989; GRIBAUDI, Maurizio, *Espaces Temporalités Stratifications*, Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1998.

As escolhas dos historiadores frente ao cipoal de possibilidades técnicas parecem ser um dos temas mais recorrentes neste dossiê. O segundo artigo, de Vinícius Maluly, toca exatamente neste ponto, explorando as “falhas, os desvios de rota, as análises mal elaboradas e as estratégias utilizadas para contornar dificuldades”, demonstrando, assim, os andaimes da construção do conhecimento histórico, numa metáfora braudeliana. Maluly nos convida a conhecer não o prédio pronto, andar por andar, mas as argamassas, as madeiras usadas no vigamento (que deixam marcas nas vigas prontas), sem ignorar as idiossincrasias de quem levanta as paredes e as imperfeições do empilhamento de tijolos ocultadas pelo reboco.

O alvo do autor é também um texto, no caso, os relatos de Saint-Hilaire sobre suas viagens no Brasil. A análise de Maluly conjugou artesanato e tecnologia, com um uso controlado de banco de dados e cartografia digital. A formalização computacional seguiu as regras estabelecidas por ele e a inserção dos dados foi totalmente feita pela mesma pessoa, sem terceirização, ponto, aliás, reforçado pelo autor. A transferência da confecção do desenho da base de dados ou de seu abastecimento é comum nas pesquisas em história e ciências sociais e o artigo de Maluly aponta para os perigos desta prática.

Os dois primeiros artigos se preocupam com a análise de textos, o que ajuda a desconstruir a velha noção de que o uso da tecnologia em história é usado apenas para lidar com números. O uso da computação, nos dois casos, visa a *formalização*. Mais recentemente, os debates sobre cartografia digital têm incorporado a análise de textos, algo que os dois primeiros artigos destacam. O terceiro artigo é exatamente sobre a cartografia, não de um texto tradicional, mas de mapas, que cada vez mais são lidos como textos. É o que propõe Massimiliano Grava ao apresentar o projeto RE.TO.RE, um grande sistema de bancos de dados georreferenciados que integram cartografia histórica e atual não somente para a pesquisa, mas também para orientar políticas públicas pelo governo da Região Toscana, na Itália. Trata-se de um texto técnico e que demanda um certo conhecimento das técnicas de cartografia digital, mas apresenta

soluções extremamente úteis para o desenvolvimento de plataformas similares em quaisquer áreas.

O quarto artigo, de Fernandes, destaca um ponto bastante atual dos debates sobre história digital, que é a gestão e acesso aos acervos de instituições de custódia, dando destaque para o conjunto do SIAN - Sistema de Informações do Arquivo Nacional - particularmente aos arquivos produzidos durante a ditadura. O artigo discute a política de guarda dos acervos e enfatiza, ao final, a forma como o sistema organiza as informações, duas coisas que estão integradas e que devem ser conhecidas pelo usuário que frequenta os acervos digitais ou mesmo físicos. Essa contribuição reforça a ideia de que a velha erudição não deixa de ser importante mesmo em contextos digitais, e conhecer a história dos acervos é fundamental para executar uma simples busca *online*. Além disso, o artigo ainda evidencia questões centrais na organização de arquivos digitais, sobretudo em relação a produção e publicação de *metadados*, um importante conjunto de informações sobre os materiais custodiados nos Arquivos.

O quinto contributo, de autoria de Silva *et al*, permanece também na *world wide web*, com uma abordagem bastante nova e que vem sendo chamada de *netnografia*, ou etnografia da internet. Através de diversas ferramentas de análise, é possível fazer o acompanhamento do consumo da página pelos usuários e avaliar a interação destes com os conteúdos digitais, tendo por caso as redes sociais de um Centro de Memória de uma universidade comunitária. Não se trata de quantificar a frequência de visitas de páginas! Tal como na etnografia, a proposta aqui é uma análise qualitativa e densa dos usos que as pessoas fazem dos sites, acompanhando as postagens que utilizam os conteúdos do Centro de Memória e como os usuários se apropriam destas publicações.

O dossiê se encerra com um artigo de Jênifer Palmeiras sobre o uso de tecnologias de *smart cities* para incrementar a interação com o patrimônio histórico, tendo como caso a cidade de Passo Fundo, onde o projeto prevê a instalação de QR codes nos bens patrimoniais, permitindo aos visitantes uma interatividade que seria

difícil de outra forma, além de permitir a inclusão de leituras e releituras sobre o mesmo bem.

Patrimônio, acervos, sistemas de cartografia online e bases de dados: o dossiê apresenta um cenário diversificado e criativo. São os historiadores ocupando novos espaços e se aventurando por novas trilhas. E esses avanços são fruto da criatividade, da imaginação e da iniciativa dos pesquisadores, em um contexto em que não há marcas evidentes do crescimento deste debate no meio acadêmico em história. Se a imaginação é fundamental e deve ser encorajada - no sentido de orientar o uso e criar demandas para a tecnologia - a falta de qualquer apoio institucional é um problema que ainda deverá ser enfrentado nos cursos de história.

Esperamos que este volume ajude a desenvolver esse debate de modo crítico.